

**as cidades e os símbolos**  
**corpo-cidade: do invisível ao tátil**

**Taiom Almeida**

O suporte do meu trabalho é o corpo. O humano, de carne, osso, sangue, pele. Mas não só. Minha formação passou pelas cidades que vivi e visitei; e, pelas experiências em suas ruas. Ao longo dos anos fui percebendo melhor como as estruturas urbanas influenciaram minhas ideias e percepções. Logo entendi que o urbano também é um corpo vivo: cresce, muda, se alimenta e se movimenta, e meu trabalho de conclusão de curso para a obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais na UnB foi meu primeiro estudo consciente sobre as relações corpóricidade.

As ideias e elementos visuais desses universos frequentemente aparecem em meus trabalhos, mas teve um em especial que me levou a novos conceitos e entendimentos sobre o tema. Já fazia parte da minha forma de trabalhar, buscar entender a ideia e, não apenas, ver as imagens trazidas pelo cliente; mas, quando Fábio chegou no estúdio e disse que queria tatuar um livro, essa dinâmica ganhou uma nova proporção. Não era representar um livro, com capa, páginas e texto —até já havia feito algo assim. Dessa vez era *o livro*, seu conteúdo, sua história. Ele escolheu um de seus preferidos e me procurou para de alguma forma representá-lo na pele: *Cidades Invisíveis* de Ítalo Calvino

Primeira coisa a se fazer foi ler o livro e logo me vi seguindo os passos de Marco Polo por cidades imaginárias tão reais, que as reconhecia em minhas memórias. Fiz anotações, esquemas, diagramas, e escrevi páginas e páginas antes mesmo de fazer o primeiro rascunho. Afinal, são cinquenta e cinco cidades descritas ao imperador que Calvino organiza em onze grupos de tema comum. Só que cada cidade é tratada de forma particular. Sim, sem chance de tatuar tudo isso. Antes de mais nada eu precisava adentrar no território de Kublai Khan, para através das narrativas do viajante, poder descrevê-las visualmente à minha maneira. Fábio me mostrou suas cidades favoritas e reorganizamos tudo de acordo com as conversas e anotações.



**Moça que passa e os olhares trocados em Cloé. Foto: Autor, 2016**

Entre as cidades e as memórias (as do livro e as minhas), busquei traçar na pele algumas linhas percorridas pelo texto. Os dirigíveis de Zirma são a redundância das cidades, que "*repetem-se para fixar alguma imagem na mente*", e existem justamente nisso. Como aquela grande metrópole que você também nunca foi, mas de tanto ver seus símbolos já a sente de alguma forma presente.



**Gigante tatuado de Cloé e/ou tatuador de uma (ou inúmeras) loja a dispor agulhas e tintas aos marinheiros de Zirna. Foto: Autor, 2016.**

Por um segundo os olhares trocados numa cidade grande, onde ninguém se cumprimenta, carregam possíveis histórias de encontros, seduções, abraços e riscam um emaranhado de linhas imaginárias entre aqueles que por acaso se cruzam. Linhas difíceis de se fixar no papel como os voos das andorinhas de Esmeraldina, onde o caminho mais curto entre dois pontos é o ziguezague.

Caminho parecido com o percorrido por turistas e vendedores ambulantes entre becos, avenidas, galerias e canais, nos centros de cidades como São Paulo ou Veneza.

Os arquétipos urbanos do livro falam de todas ou de uma cidade só, percebida e lida de diferentes pontos. Cidades que refletem umas às outras, ora sob um lago submerso onde o invisível condiciona o que está ao alcance dos olhos, ou codificada nos fios de uma tapeçaria que em seu esquema geométrico traduz a harmonia do céu e das estrelas. Vista pelo camaleão, por exemplo, a cidade a frente toma a forma de suas expectativas: um navio rumo a um mar de possibilidades. Já o marinheiro a vê como o sossegado caminhar de um camelo. Ou do condomínio à periferia, e vice versa, "*a cidade recebe a forma do deserto a que se opõe*". Esses aglomerados que sobem e descem, entre prédios e palafitas, sacadas e pontes, desejos e ilusões, me fazem lembrar de Recife ou Rio de Janeiro. Ou ainda Olinda, cidade oculta que cresce diferente, de dentro pra fora, onde o novo brota e empurra cuidadosamente os antigos bairros e suas muralhas para as margens, se repetindo e se reinventando sem fim.

O relógio astrológico de Lund, na Suécia, é uma das lembranças que Fábio guarda de sua cidade natal, já eu me recordo ponto a ponto dos caminhos e ruas do bairro que cresci em Belém. Zora também tem essa propriedade de permanecer na memória, mesmo não sendo tão marcante. Seu trunfo é o modo musical que o olhar percorre suas formas, vistas como quem lê uma partitura. E a música que Fábio lê nas figuras centrais de sua tatuagem é um pequeno trecho de Goodbye Pork Pie Hat. E essa improvisação característica do jazz ressonou nas linhas do projeto.



**Cameleiro rumo a Despina. Foto: Autor, 2016**



**Cameleiro rumo a Despina. Foto: Autor, 2016**



**Do banco da praça ao letreiro do restaurante, seguem as notas que trazem a memória de Zora, também parte do crescimento concêntrico de Olinda. Foto: Autor, 2016**

Foi antes de tudo um exercício de troca. De referências, símbolos, registros, e de memórias, como as que ocorrem em todos os solstícios e equinócios de Eufêmia, onde mercadores de 7 nações se encontram não só para o trato comercial, mas porque ali em volta da fogueira, todas as noites, cada história encontra par com tantas outras, que ao retornar todos carregam um pedaço das novas memórias.





**Mercadores em volta da fogueira em Eufêmia. Foto: Autor, 2016**



**Membro da confraria dos encapuzados, com acesso a mimese morta de Eusápia. Foto: Autor, 2016**

Apareceram no meio de tantas conversas, anotações, rascunhos e agulhas, as dualidades comuns à condição humana/urbana. Ora em extremos opostos, elementos distintos compõem o mesmo ciclo, e a permanência do movimento se fixa na pele. Entre tantos começos e fins, vidas e mortes, fica difícil distinguir qual é um ou o outro. Como na necrópole subterrânea Eusápia, que reproduz em morte o cotidiano da vida, e em vida os avanços da morte.

O corpo que carrega tantas cidades, e que por tantas outras ainda vive, continua a se transformar, tanto como os pequenos detalhes de pigmento sob a pele. Suas metáforas e simbolismos ganham novos significados a cada novo observador, e a cada nova leitura se refaz na sua própria identidade. A tatuagem é permanente e sua essência é a mudança, sem que um contradiga o outro. É o conjunto que existe, sem hierarquia de valores. Como escreveu Calvino no diálogo entre o viajante e o imperador:

*Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.*

*— Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? — pergunta Kublai Khan.*

*— A ponte não é sustentada por essa ou aquela pedra — responde Marco —, mas pela curva do arco que estas formam.*

*Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:*

*— Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.*

*Polo responde:*

*— Sem pedras o arco não existe.*

**Cidades Invisíveis, Tatuagem. Autor, 2015-2016. Foto: Autor, 2016.**

CALVINO, I. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

